

A ARCA DE ANTÔNIO, VINICIUS E NOÉ: UMA POSSÍVEL ABORDAGEM NA SALA DE AULA

Mestrando Arinélio Lacerda dos Santos Júniorⁱ (UFCG)
Prof. Dr^a. Naelza de Araújo Wanderleyⁱⁱ (UFCG)

Resumo:

O presente trabalho propõe uma leitura dos poemas A Arca de Noé, do cordelista Antônio Francisco e A Arca de Noé, de Vinicius de Moraes, através de uma abordagem comparativa. Investiga-se como os poetas abordam a narrativa bíblica da salvação de seres do grande Dilúvio, retomando-a em um contexto atual através da poesia. A abordagem escolhida ancora-se nos estudos comparados, uma vez que retoma o texto bíblico para cotejar o nível de invenção acionado pelo poeta. Além disso, faz parte do objetivo apontar uma possível abordagem metodológica para a sala de aula, do primeiro ano do ensino médio, tendo como pressupostos o trabalho intertextual e reflexivo existente nos textos literários já citados. Para tanto, o estudo fundamenta-se, principalmente, em Márcia Abreu (2006); Tânia Carvalhal (2004); COM e Referenciais Curriculares da Paraíba. Entre os resultados, podemos destacar a mudança de espaço entre as narrativas, a linguagem diferenciada nos poemas e na narrativa bíblica.

Palavras-chave: Literatura popular, estudos comparados, ensino.

1 Introdução

Muitos pesquisadores afirmam que a Literatura de Cordel surgiu nos últimos anos do século XIX, na região do Nordeste, a partir das mãos do poeta Leandro Gomes de Barros. Entretanto, quando observamos o percurso histórico do folheto é que nos deparamos com uma formação historiográfica que apresenta-se anterior a tal data. Inegavelmente, Leandro teve importante participação na construção literária do folheto de cordel, construção essa que perpassa não somente pela sua estética, como também temática e estrutura. Apesar de termos consciência de que muito já se escreveu sobre o cordel, sabemos, também, que este gênero não foi, ainda, de maneira satisfatória estudada e que também continua desconhecido do grande público. Mesmo quando nos deparamos com pesquisadores consagrados relatando suas experiências com o cordel, temos a impressão de que não estamos em uma mesma linha de estudo do folheto como texto literário. Ao tomarmos os textos de Abreu (2006), de Galvão (2001) e outros autores como fundamentadores teóricos, podemos refletir sobre o folheto de cordel como um suporte literário que obteve de literaturas estrangeiras algumas influências temáticas, como quase todas as modalidades literárias, adequou-se as mudanças de uma sociedade cada vez mais globalizada, mas que ainda mantém seus contornos com a oralidade.

Em outro viés de estudo da literatura popular, vemos que ganhou força, a partir do final do século passado, a elaboração de pesquisas em torno de narrativas populares que tomassem para si, de alguma forma, histórias já consagradas pela sociedade, são os chamados “Estudos Comparados na Literatura de Cordel”. Mesmo que a consolidação

desses estudos seja recente, o uso de antigas narrativas por poetas populares não pode ser considerado como um processo oriundo dos últimos anos, haja vista que autores como o próprio Leandro Gomes de Barros ou ainda José Costa Leite, João Martins de Athayde, entre tantos outros já condicionavam seus talentos ao processo de releitura de narrativas populares.

Dentre autores que observamos e vêm escrevendo folhetos em que se refletem esse processo de releitura, podemos ressaltar a contribuição do poeta potiguar Antônio Francisco Teixeira de Melo, que começou a escrever folhetos com quase cinquenta anos de idade e hoje possui uma produção significativa de títulos publicados, nos quais remetem as vivências pessoais e inquietações de um homem contemporâneo.

Através de uma abordagem comparativa, estudamos o folheto *A Arca de Noé*, do referido autor, que se encontra no livro *Dez Cordéis num Só* (2006) e *A Arca de Noé*, do poeta Vinicius de Moraes. Refletimos como os poetas abordam a narrativa bíblica sobre Noé, sua família e os animais salvos do dilúvio, retomando-a em um contexto atual através da poesia. Além disso, faz parte do objetivo apontar uma possível abordagem metodológica para a sala de aula, do primeiro ano do ensino médio, tendo como pressupostos o trabalho intertextual e reflexivo existente nos textos literários já citados.

Para tanto, o estudo fundamenta-se, principalmente, nas considerações de Márcia Abreu (2006), no que tange o desenvolvimento do folheto em território brasileiro e suas especificidades que o diferem do cordel português; Tânia Carvalhal (2004), no que aponta a linguagem poética como um possível meio de estudo intertextual e nos documentos parametrizadores do ensino médio – OCM e Referenciais Curriculares da Paraíba. Aquilo que seria uma suposta hipótese de aproximação entre as narrativas – inclusive devido ao título de ambas serem igual – fez surgir alguns questionamentos, a saber: existe realmente uma aproximação entre as narrativas? Quais peculiaridades, sejam formais ou temáticas, poderíamos encontrar nos poemas?

2 A formação histórica da Literatura de Cordel

A Literatura de Cordel firmou-se como uma manifestação de caráter popular que, predominantemente, usa formas poéticas específicas, como a métrica e a rima, e uma linguagem simples, fatores que influenciaram e ainda influenciam na apreciação de folhetos por leitores com formação literária não apenas escolarizada.

Segundo Abreu (2006), a origem da Literatura de Cordel remonta à Idade Média, ligando-se à poesia trovadoresca portuguesa. De acordo com a autora, os poetas portugueses, na época medieval, percorriam os povoados, os vilarejos e castelos em busca de disseminar seus cânticos rimados. Já no século XVIII e até durante o século XIX, esses mesmos poetas poderiam ser vistos pelas ruas de localidades humildes e grandes praças da capital lusitana vendendo as rimas que outrora cantara, agora, escrita em papel.

Durante a colonização portuguesa, alguns títulos de cordel podem ter vindo para o Brasil através das embarcações que traziam os imigrantes portugueses a fim de se estabelecerem em nossas terras. Dentre os vários títulos de livros remetidos para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará, encontravam-se muitos folhetos de cordel. Tais folhetos remetiam as histórias de Carlos Magno, da Princesa Magalona, de D. Pedro, da Imperatriz Porcina, Donzela Teodora, Roberto do Diabo, Paixão de Cristo,

D. Inês de Castro, João de Calais e tantas outras narrativas européias.

Com relação à denominação, no Brasil, em meados da segunda metade da década de 60 para a década de 70, os cordéis ainda eram conhecidos por diversas denominações que podiam variar dependendo de cada região em que fossem localizados. Mesmo sendo encontrado por todo o território brasileiro, notadamente, foi no Nordeste que o folheto de cordel iniciou seu percurso histórico. Os livros de história apontam para o motivo ter sido o desembarque das caravelas portuguesas em terras baianas. Daí, em uma das hipóteses levantadas, o cordel ter se desenvolvido primeiramente em terras nordestinas. Segundo Diegues Jr (1986), a receptividade, o enraizamento e a familiaridade da literatura de cordel com o povo nordestino devem-se ao fato da ausência, de modo geral, de comunicação entre as pessoas que moravam em toda a região do Nordeste.

3 Estudos Comparados na Literatura de Cordel

A Literatura Comparada aparece como disciplina, de uma maneira sistematizada no século XIX e em um contexto europeu, mesmo tendo surgida há centenas de anos. Os estudos comparados visam estabelecer a influência entre autores, servindo de instrumento para mostrar a força de um país sobre outro. No Brasil, a Literatura Comparada e seus estudos começaram a se desenvolver nas primeiras décadas do século XX. Contudo, somente em meados da década de 60, foi que os estudos literários comparados ganharam notoriedade e passaram a ocupar os cursos de Licenciatura de Letras no Brasil. (CARVALHAL, 2004).

Entendemos que os estudos voltados ao comparativismo buscam nos levar a perceber as leituras intertextuais que possam estar presentes em dois ou mais textos, bem como a buscar semelhanças e diferenças existentes neles, à percepção do dialogismo presente entre ambos os textos, mesmo sendo produzidos em épocas diferentes ou, ainda, lugares distantes. É possível dizer que o texto se constrói e se reconstrói, absorvendo o que escuta. Tudo o que é dito mantém ligação com o que já foi dito antes, sendo uma retomada de dizeres anteriores.

Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) reinventa. (CARVALHAL, 2004, p. 53-54)

O procedimento de análise dos estudos comparados nunca foi uniforme, uma vez que sempre se recorreu a métodos diferenciados, além de que os estudiosos neste campo abordavam objetos variados, ratificando a complexidade da Literatura Comparada apontada por Carvalho (2004). A nosso ver, essa falta de definição metodológica deve estar relacionada à carência de publicações em conformidade sobre o assunto.

Não raramente, quando ainda crianças, nos acostumamos a ouvir nossos familiares mais velhos contarem histórias que escutaram ou leram em determinados momentos de suas vidas. Essa atitude vem desde a antiguidade, quando guerreiros contavam suas façanhas para suas famílias ou em praça pública.

Em um processo similar, a elaboração de narrativas inspiradas em textos escritos da antiguidade não é novidade na Literatura de Cordel. Desde o início, histórias

provenientes da tradição oral, como contos, lendas, mitos e anedotas passaram a ser recriadas pelos poetas populares com métrica e ritmo, em um pedaço de papel. Esse processo de recriação pela voz e mãos desses poetas vem desde o final do século XIX e ao longo do século XX.

Até os dias de hoje, as releituras de clássicos infantis, novelas, romances, peças teatrais ainda estão em sendo realizadas pelos cordelistas. Entre as obras pertencentes a literaturas estrangeiras e que foram reescritas em verso a partir de uma tradução anterior, publicadas em folheto, podemos mencionar um clássico infantil *Cinderella*, de Charles Perrault, datado em 1697, baseado em um conto italiano popular chamado Cenerentola ou ainda *Notre Dame de Paris* (O corcunda de Notre Dame), do escritor Victor Hugo. O poeta popular João Martins do Athayde reescreveu romances, como *Romeu e Julieta*, tradicionalmente conhecida através da versão original de William Shakespeare. Já o poeta Leandro Gomes de Barros reescreveu uma versão nordestina para a *História da donzela Theodora*, originalmente vinda de Portugal (ABREU, 2006):

Eis a real descrição
Da história da Donzella
Dos sábios que Ella venceu
E apostas ganhas Poe Ella
Tirado tudo direito
Da história grande della.

Caro leitor escrevi
Tudo que no livro achei,
Só fiz rimar a história,
Nada aqui acrescentei,
Na história grande della
Muitas coisas consultei.
(BARROS, L. G. *História da donzella Theodora*. s/d)

Como podemos observar, Leandro Gomes de Barros foi um dos primeiros cordelistas a escrever uma versão nordestina para uma das narrativas mais consagradas e reescritas da literatura popular, sem acrescentar ou suprimir nenhuma ação dessa narrativa: “Só fiz rimar a história, nada aqui acrescentei” (versos 09-10)

Em consonância com as considerações de Márcia Abreu, nos deparamos com Diégues Jr que afirma ser “da memória popular” a responsável pelas narrativas de maiores sucessos da literatura de cordel. De acordo com o pesquisador:

Na literatura popular encontramos traduzido o próprio espírito da sociedade. Daí porque muitas vezes velhas narrativas, tradicionalmente transmitidas, vão-se enriquecendo de comentários favoráveis, ou desfavoráveis, conforme o caráter do personagem, ou personagens, é visto pela sociedade local. Há como que uma incorporação da figura – herói ou bandido, vítima ou criminoso – os próprios valores de julgamento do meio social. (DIÉGUES JR., 1977, p 12)

Essa incorporação de valores, apresentada por Diégues Jr., pode ser vista em muitos folhetos da atualidade. Apenas reescrever, sendo fiel a narrativa original, às

vezes, não é suficiente para os cordelistas. Dar um novo início, terminar uma história de forma diferente ou apenas usar elementos de uma narrativa mais antiga também são práticas adotadas pelos poetas. A título de exemplo, temos o poeta campinense Manuel Monteiro, que reescreveu uma versão para a narrativa infantil da *A Gata Borralheira*, ousando atribuir à narrativa original um novo final, por considerar impróprio para seu público:

Foram os dois estrada afora
E, a pombinha contente,
Fazia voltas ao ar
Arrulhando alegremente;
Acrescentar nem carece
Que bom e justo merece
Ser feliz eternamente.
(MONTEIRO, M. *A Gata Borralheira*. s/p)

Em uma das versões desse conto, no dia do casamento da Gata Borralheira, as duas irmãs, fingindo-se arrependidas, pediram à menina que lhes deixasse acompanhá-la e ao seu noivo, durante a cerimônia. A Gata Borralheira permitiu, mas, na saída da igreja, os corações das irmãs iam cheio de pensamentos maus, de ódio e inveja. Por isso, as duas pombinhas brancas, que estavam nos ombros da Gata Borralheira, voaram na direção das invejosas e, com o biquinho, furaram-lhes os dois olhos, deixando-as cegas pelo resto da vida, como castigo por sua maldade.

A justificativa usada por Manuel Monteiro para a modificação desse final deve-se ao fato de que os animais são seres bons, não podendo imaginar que um simples e belo pássaro possa realizar tal ato de perversidade. Na terceira capa do folheto o autor acrescenta: “torço para que os meus leitores mirins e adultos convençam-se de que não existe um animal perverso, nem mesmo num conto infantil.”

Para Carvalho (2004), “a repetição de um texto por outro, de um fragmento em um texto, a colagem, a alusão, a paródia, nunca é inocente.” (p. 53) Ao observarmos essa afirmação, tomando-a como ponto de partida, passamos para um campo de estudo em que a própria pesquisadora acreditar ser difícil obter uma definição sem que haja problemas de interpretação. Carvalho (2004) esclarece que embora o termo Literatura Comparada seja usada no singular, é no plural que obtêm-se seus êxitos, uma vez ela designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas.

Assim tomamos como norte de nossas investigações a ideia em que aponta o método comparativo como “uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística.” (CARVALHAL, 2004, p. 74). Outra dificuldade encontrada para se chegar a um denominador comum sobre os estudos que envolvem a Literatura Comparada é a de que esta é uma disciplina inconstante, ou seja, encontra-se sempre em mudanças teóricas, o que corrobora sua tendência de ajustar-se aos métodos críticos literários que entram em cena no século XX.

4 A Arca De Noé: uma breve análise comparativa

O poeta Antônio Francisco, no folheto *A Arca De Noé*, narra a história de Noé, o escolhido por Deus para construir uma grande embarcação e colocar um casal de animal de

cada espécie dentro dessa arca. Noé, cansado do árduo trabalho, colocou madeira bruta na barca sem descascar ou limpar. Por causa disso, além dos demais animais, a arca passou a ser morada também de um casal de cupim, que se aloja na madeira bruta utilizada para construir a grade que prendia o casal de animal. Depois oito meses de chuva, a barca chegar ao sul da Bahia, nordeste do Brasil, local em que Noé aportou.

Já o poeta Vinicius de Moraes, no poema A Arca de Noé, também narra a história de Noé, o escolhido por Deus para salvar os seres humanos de um grande dilúvio. Entretanto diferentemente da obra do poeta popular, os animais escolhidos por Moraes não são os mesmos, bem como o espaço em que a embarcação aportou também não é a mesma. Outros animais se fazem presentes do poema, como o burro, o macaco e a arara.

Conclusão

Palavras estrangeiras devem estar em itálico – Texto em Times New Roman 12 Normal Estilo Corpo do Texto ABRALIC - **Mínimo de 5 e máximo de 10 páginas; os resumos não serão publicados sem texto integral** - Texto em Times New Roman 12 Normal Estilo Corpo do Texto ABRALIC - **Para ênfase ou destaque deve ser usado negrito** – Texto em Times New Roman 12 Normal Estilo Corpo do Texto ABRALIC – *Palavras estrangeiras devem estar em itálico.*

Referências Bibliográficas

1. ABREU, M.. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado as Letras. 1999.
2. ALVES SOBRINHO, J.. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
3. ALVES, J. H. P.; SANTOS JR. A. L. dos. **Literatura de Cordel: novos temas, novos leitores**. Relatório final apresentado a UFCG/PIBIC. Campina Grande, 2010.
4. ALVES, J. H. P.; SANTOS JR. A. L. dos. **Vozes Femininas na Literatura de Cordel**. Relatório final apresentado a UFCG/PIBIC. Campina Grande, 2011.
5. GORGULHO, G. et. al. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1973
6. CARVALHAL, T. **Literatura comparada**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2004.
7. GALVÃO, A. M. de O.. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
8. GALVÃO, A. M. Folhetos de cordel: experiências de leitores/ouvintes (1930-1950). In.: PAIVA, Aparecida et. al. (org). **Literatura e letramento: espaço, suportes e interfaces – jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 87-98.
9. GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. 13ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.
10. MELO, A. F. T. **Dez cordéis num cordel só**. 8ª Ed. Mossoró: Queima Bucha, 2006.
11. MELO, R. A. de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
12. MENDES, S. (org). **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentidos**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.
13. RIBEIRO, L. T. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1986.
14. SHEDD, R.. Shedd **.Bíblia Shedd**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

Autor(es)

i **Arinélcio LACERDA, mestrando**
Departamento, se necessário
E-mail: arineliolacerda@hotmail.com

ii **Naelza de ARAÚJO, doutora**
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
E-mail